

SÓ QUEM MORRE SÃO OS VELHOS

Cristine Tinoco da Cunha Lima Rosado
Vice-diretora do Complexo de Ensino ED/HC

O ciclo natural da vida – nascer, crescer, reproduzir e morrer – nem sempre acontece. Deparamo-nos rotineiramente com situações que mostram que a realidade não é bem essa. Os jovens sentem-se invencíveis, como se estivessem imunes às conseqüências dos seus atos. Afinal, estão no auge da vida e só quem morre são os velhos. Mesmo com a certeza de que viverão muito tempo, para os adolescentes cada minuto tem que ser vivido intensamente como se fosse o último. Nessa contradição é que mora o perigo.

Em um mês, presenciei duas situações duras e sem retorno. Dois jovens morreram em acidentes. Um deles conduzia uma moto, o outro, um carro. Eram bons meninos, bons filhos. Tinham muitos amigos. Nas duas situações, vi o susto dos seus pares, a revolta, a não aceitação, muito sofrimento das famílias. Algumas homenagens...

A inconseqüência, a curta visão dos riscos podem ser percebidas nos blogs (diários virtuais) nos quais os jovens oferecem nome completo, endereço, telefone, colocando em risco a segurança dele e de seus familiares.

Fiquei a pensar o que fazer para que características das fases de desenvolvimento humano não tragam como conseqüência tanta dor. Não é uma tarefa fácil e não existem manuais. Acredito que seja um trabalho que deva ser feito desde criança. Precisamos aplicar, no plano social, as leis da física “toda ação gera uma reação”. Isso se faz nas coisas mais simples. Se brinco, preciso guardar meus brinquedos... Se estudo, tenho mais conhecimento. Se me alimento bem, tenho mais saúde. Não significa, porém, que a educação seja uma ciência exata, com previsões estáticas, mas sinaliza que precisamos educar nossas crianças para fazerem escolhas certas, conscientes de que toda escolha traz junto uma perda e que todas as nossas ações têm conseqüências. De nada adianta conselhos e interrogatórios.

Cumpre não esquecer que a educação é, entre outras coisas, inibição, e o seu bom êxito depende do uso que desta se faça. N. E. Ischlondsky declarou a esse respeito:” Toda inibição que utilize o educador deve cumprir com três condições: deve ser apropriada e útil e, por conseguinte, cuidadosamente escolhida. Não deve ser por demais difícil para o sistema nervoso nas condições dadas. Deve aplicar-se de modo contínuo e persistente, sem ser interrompida nem receber a intervenção de reações opostas, isto é, pelo processo de excitação” (Ischolondsky, 1949: 93).

A intensidade do sofrimento nos jovens poderia ser o caminho para transformar a dor em precaução, cuidados, valorização à vida. Acontece que na juventude a dor é tão forte quanto fúria e rapidamente retorna a idéia de que só quem morre são os velhos.